

Trazendo à tona a sociometria: uma técnica de cartografia das relações sociais

Elane Kreile Manhães¹

Gerson Tavares do Carmo²

Introdução

O marco inicial da sociometria se dá na primeira metade do século XX, com J. L. Moreno (1889-1974), um médico de origem austríaco-judaica que emigra para os Estados Unidos. Depois de alguns anos de adaptação no país norte-americano, Moreno é convidado a realizar um estudo na prisão de *Sing Sing*, uma unidade prisional do estado de Nova York. Em sua investigação, o médico propõe um novo agrupamento dos prisioneiros em unidades menores estabelecidas por meio de uma pesquisa de personalidades complementares. Posteriormente, partindo de tal pesquisa, ele cria testes de espontaneidade e sugere classificar os detentos com base em suas capacidades de relacionamento social. Assim, com os resultados desse estudo, inaugurou-se aquele que pode ser considerado o primeiro trabalho contendo o estudo sociométrico, o relatório intitulado *Classification of prisoners according to the group method* (1931).

Com o sucesso de sua investigação na unidade correcional de *Sing Sing*, Moreno é convidado a ocupar o cargo de diretor de uma pesquisa envolvendo a reintegração de jovens meninas de 15 a 18 anos de idade. No período de realização desse estudo, em parceria com Helen Jennings, Moreno aperfeiçoa alguns conceitos e realiza um trabalho sociométrico que lhe traz ainda maior visibilidade, com o aprimoramento de alguns instrumentos como os sociogramas e o próprio tratamento dos dados. Dessa forma, o médico publica seu primeiro livro intitulado *Who shall survive? A new approach to the problem of human interrelations* (1934). A respeito dessa obra, é importante ressaltar que sua versão para o francês traz um título menos provocador, *Fondements de la sociométrie* (1954), cuja tradução, feita de forma literal para o espanhol como

¹ Elane Kreile Manhães. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Mestre e Doutoranda em Cognição e Linguagem pela UENF. Professora E.B.T.T. do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. ekreilem@gmail.com

² Gerson Tavares do Carmo. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Professor associado da UENF. Doutor em Sociologia Política. Pós-Doutorado em Sociologia Pragmática na Universidade Nova de Lisboa. gtavares33@gmail.com

Fundamentos de la sociometría (1962), está servindo de base para o desenvolvimento deste trabalho.

Em tal obra, Moreno desenvolve, de forma ampla, não só a teoria, mas também as aplicações práticas das técnicas sociométricas, trazendo resposta para a pergunta presente no título de sua obra original, *Quem sobreviverá?*. Em suas perspectivas, o autor revela que sobreviverão aqueles indivíduos que reencontrarem e dominarem a espontaneidade e a criatividade.

Aqui urge revelar o quanto são caros esses dois conceitos para Moreno e o quanto ele se encontrava à frente de seu tempo quando, em 1934, revelou que, enquanto o século XIX perseguiu o *mínimo* denominador comum da humanidade: o inconsciente; o século XX, ao se encerrar, terá descoberto ou talvez redescoberto seu *máximo* denominador comum: a espontaneidade, a criatividade e o laço inseparável que as une.

A espontaneidade e a criatividade não se configuram em procesos iguais ou semelhantes. Elas estão em categorias diferentes, mas, como já mencionado, estão vinculadas entre si. Dessa forma, pensando por um lado prático, é possível que a espontaneidade de um indivíduo se encontre numa posição diretamente oposta à sua criatividade. Em outras palavras, um sujeito pode mostrar um alto grau de espontaneidade, mas não ter a capacidade de criar e, por outro lado, um sujeito pode ser altamente criativo, mas manter essa criatividade presa por uma falta de espontaneidade. A este último, Moreno (1962) dá o nome de “criador desarmado”.

Dessa forma, sem a espontaneidade, a criatividade morre, sua intensidade de vida aumenta ou diminui de acordo com sua participação na espontaneidade. De outro lado, a espontaneidade sem criatividade fica vazia e estéril. O universo é dotado de uma criatividade infinita, e a espontaneidade é uma forma de energia que põe em movimento essa criatividade. A espontaneidade leva o indivíduo a reagir, de forma mais ou menos satisfatória, diante de uma situação mais ou menos inédita.

Entretanto, os indivíduos não possuem um depósito de espontaneidade, pois esta se apresenta em uma série de níveis segundo os quais pode estar mais ou menos rapidamente disponível ao indivíduo em quem atua como catalisador. Diante de uma situação nova, o indivíduo não tem alternativa senão servir-se da espontaneidade como um guia sugestivo das emoções, dos pensamentos e das reações mais apropriadas à situação.

Retornando ao tópico maior que embasa este trabalho, que definição poder-se-ia dar, portanto, à sociometria? O próprio Moreno (1962) traz primeiramente uma definição para ela a partir da etimologia da palavra. Com as unidades que a compõem, sócio-, do latim, *socius*, sendo traduzido como *companheiro*, e -metria, também do latim, *metrum*, com o significado de *medida*, o precursor da sociometria e dos testes sociométricos primeiramente chama atenção para o fato de que, apesar de a palavra *teste* sugerir mensuração, tais testes não têm a intenção de ressaltar o *metrum* em detrimento do *socius*, sendo o *metrum* apenas um caminho que se percorre para que sejam alcançadas as relações com o *socius*.

É relevante ressaltar que, posteriormente, Gurvitch (*apud* Alves, 1974, p. 5) entrelaça um conceito angular de Moreno a tais relações e diz que essas são caracterizadas pela sua “espontaneidade, seu elemento criador, suas relações com o instante e sua integração nas configurações concretas e singulares”. Assim, os testes sociométricos objetivam fazer emergir, a partir de análises quantitativas, a medida de características psicológicas que se encontram latentes em contextos sociais, colocando o ser humano e suas relações com o outro em destaque nesses encadeamentos que se formam de modo espontâneo.

Cukier, ao realizar um grande apanhado das palavras de Moreno, tanto em suas obras originais, quanto nas traduções que as seguiram, define a sociometria como parte da socionomia e diz que tal ciência “se ocupa do estudo matemático das características psicossociais da população, dos métodos experimentais e dos resultados saídos da aplicação de princípios quantitativos” (CUKIER, 2002, p. 278).

Cukier também revela que, ao começar sua pesquisa pela observação da organização dos grupos e da situação dos indivíduos em tais grupos, um dos objetivos da sociometria é verificar não só o número e a extensão das correntes psicossociais, mas também como tais correntes se desenrolam no grupo observado. Nesse sentido, apresenta-se uma nova forma de se resolver a antiga dicotomia entre o qualitativo e o quantitativo: o qualitativo está contido no quantitativo, não sendo, portanto, destruído ou esquecido. Pelo contrário, sempre que possível, o qualitativo é trazido à tona e tratado como uma unidade do quantitativo.

Parlebas (1992, p. 22) foi outro estudioso que trouxe definições acerca da sociometria ao afirmar que ela se constitui num estudo não só métrico, mas também clínico das relações afetivas e das

relações de influência que se estabelecem em grupos ou comunidades. De forma mais objetiva, Parlebas revela que uma das tendências dos estudos sociométricos remonta a uma pesquisa experimental cujos instrumentos preferenciais são a observação, o questionário e a entrevista. Por meio de tais instrumentos, viabilizam-se, pois, a exploração da estrutura socioafetiva dos grupos e a observação dos relacionamentos interpessoais.

Sendo assim, nas seções que se seguem, serão delineadas a construção e a execução do instrumento primeiro definido por Moreno, o teste sociométrico, e dois possíveis instrumentos de análise resultantes de tal teste, quais sejam o sociograma e os modelos de classificação sociométrica.

O teste sociométrico

Na obra de Moreno e, conseqüentemente, na sociometria, o teste sociométrico ocupa um espaço de grande relevância. Entretanto, é importante ressaltar que existem outras técnicas sociométricas cujas explicações não serão aqui abordadas devido à limitação de espaço deste trabalho. Ademais, de antemão, não se deve pressupor que o teste sociométrico seja o mais importante na área da sociometria ou que ele dê conta de resolver qualquer problema dentro de uma comunidade, pois ele se configura apenas num primeiro instrumento estratégico que apresenta grande utilidade para adentrar nas microestruturas grupais.

O teste sociométrico tem a função de estudar as estruturas sociais sob situações de atrações e de rejeições demonstradas no âmbito de um grupo social. Ele é realizado basicamente por meio de uma pergunta disparadora que consiste em apresentar uma situação hipotética de formação de grupos e pedir que cada indivíduo do grupo em estudo escolha outros indivíduos que teriam ou não teriam como companheiros. É importante ressaltar que, ao pedir que os sujeitos realizem o teste sociométrico, suas respostas devem ser dadas da forma mais espontânea possível para que seja atendido um dos conceitos-chave de Moreno, a espontaneidade. Sendo assim, os perguntas devem ser respondidas ao mesmo tempo, sem reticências, por todos os membros do grupo, logo após a leitura do aplicador, e não se pode limitar o número de escolhas dos integrantes do grupo em estudo.

Tal instrumento viabiliza a identificação de cada indivíduo no grupo em que ocupa uma função social. Sobre suas características, observa-se que: 1) os agrupamentos das mesmas pessoas podem apresentar similaridades ou diferenças, dependendo dos critérios de seleção que se apresentam; 2) a coexistência de grupos formados espontaneamente e de grupos formados por qualquer tipo de imposição se configura numa iminente fonte de conflitos.

É igualmente relevante ressaltar que os participantes do teste devem estar bem à vontade para realizá-lo e, portanto, o pesquisador deve deixar bem claro, ao grupo, os objetivos do teste, de tal forma que qualquer mal-entendido seja dissipado e, assim, não interfira nas respostas do grupo em estudo. Dessa forma, o investigador deve se certificar de que obterá, do grupo, uma colaboração sem ressalvas, pois quanto mais espontâneas as respostas dos membros do grupo investigado, mais válidos serão os resultados.

Como mencionado, o teste sociométrico consiste basicamente de uma pergunta disparadora. Portanto, esta deve ser elaborada com bastante reflexão, uma vez que norteará toda a pesquisa subsequente. De todas as fases, Alves (1974, p. 35) destaca que a elaboração da pergunta se configura num dos pontos-chaves do teste e, como tal, o autor apresenta algumas normas que o aplicador deve levar em consideração nessa etapa de investigação. São elas: 1) os critérios devem ser apresentados de forma explícita; 2) os critérios devem incorrer sobre fatores que tenham sentidos claros para cada membro do grupo; 3) os critérios não podem ser nem muito profusos nem muito limitados; 4) normalmente dois critérios adotados cuidadosamente, ou até apenas um, são suficientes para uma análise substancial do grupo.

Sendo assim, as perguntas que se pretendem fazer para percorrer os objetivos de uma pesquisa com características sociométricas e verificar os movimentos de atração, repulsa e indiferença entre pares de um grupo poderá consistir, com base nos estudos de Moreno (1962), de uma parte iniciada pelas orações *Quem você escolheria para...?* e *Quem você não escolheria para...?*, com o intuito de verificar respectivamente as projeções positivas e negativas dos sujeitos da pesquisa.

Após a aplicação do teste, os dados podem ser inseridos em um *software* de criação de diagramas para a construção dos sociogramas e visualização do mapa de relações formadas entre os indivíduos investigados.

O sociograma

Os sociogramas nada mais são do que uma forma de demonstrar, de forma mais lúdica, visualmente falando, as relações formadas no interior de um grupo. Eles são, pois, um meio através do qual é facilitada a exploração dos dados e são viabilizados o reconhecimento de fatores sociométricos e a análise da estrutura grupal.

De acordo com Alves (1974, p. 106-107), os sociogramas podem ser usados para fornecer ao investigador uma visão ampla dos grupos, permitindo que ele observe, de forma mais adequada, a dinâmica que gera as relações que ali se constituem. Ademais, o mesmo estudioso revela que conhecer não só a posição que cada sujeito ocupa no grupo, mas também as inter-relações dos diversos sujeitos pode ir além da observação da estrutura dos grupos e alcançar a dinâmica de suas alterações.

Além disso, devido à sua ludicidade no quesito visual, a construção dos sociogramas também facilitará a contabilização das indicações de cada indivíduo para posterior inserção de dados na tabela sociométrica.

Os modelos de classificação sociométrica

A tabela sociométrica constará da pontuação normalizada de escolhas e rejeições de cada indivíduo. Tal normalização é necessária para que se obtenham dados mais fidedignos, pois, com base no conceito de espontaneidade de Moreno (1962), que apregoa a não limitação de indicações de cada indivíduo, é possível que, durante as respostas, os estudantes indiquem números muito variados para suas projeções positivas ou negativas, o que, se não normalizado, resultaria numa dificuldade para avaliar, dentro do grupo, qual seria um número muito pequeno ou um número muito grande de indicações.

A partir de tais números normalizados, será então possível calcular o índice de Preferência Social (PS) e de Impacto Social (IS) de cada indivíduo pesquisado. O impacto social traz dados acerca da visibilidade que os indivíduos têm em seu grupo e seu cálculo se dá por meio da soma dos números normalizados de escolhas e rejeições recebidas. O índice de preferência social, por sua vez, identifica o grau de empatia que o indivíduo detém diante de seus pares. Seu cálculo é feito por meio da diferença entre os números normalizados de escolhas e de rejeições recebidas

durante o teste sociométrico (NEWCOMB; BUKOWSKI, 1983, *apud* ALVES; DUARTE, 2010, p. 484).

Em posse dos dados de preferência social e de impacto social, como resultado da análise das diferentes dimensões, poder-se-ão identificar as classificações sociométricas dos sujeitos, que se dividem em populares, rejeitados, negligenciados, controversos e medianos, com base nos estudos de Coie e Dodge (1988).

Alves e Duarte (2010, p. 481), ao aprimorarem estudos de Newcomb, Bukowski e Patee (1993), destacam que os tipos diversos de *status* sociométrico estão diretamente ligados a um repertório de comportamentos distintos que terá influência direta sobre as trocas sociais dos sujeitos. Cada *status* estará relacionado, pois, a demonstrações diversas de comportamentos e não só influenciará, mas também será influenciado pelo grau de sociabilidade, de agressão e de retração entre os membros do grupo.

Bibliografía

ALVES, Danny José. *O teste sociométrico: sociogramas*. Porto Alegre: Globo, 1974.

ALVES, Maria Luíza Tanure; DUARTE, Edison. O processo inclusivo nas aulas de Educação Física: um estudo sobre o teste sociométrico. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 21, n. 3, p.479-491, 31 jul. 2010. Trimestral. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v21i3.7764>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

COIE, John D.; DODGE, Kenneth A. Multiple sources of data on social behavior and social status in the school: a cross-age comparison. *Child Development*, [s.l.], v. 59, n. 3, p.815-829, jun. 1988.

COIE, John D.; DODGE, Kenneth A.; COPPOTELLI, Heide. Dimensions and types of social status: a cross-age perspective. *Developmental Psychology*, [s.l.], v. 18, n. 4, p.557-570, jul. 1982.

CUKIER, Rosa. *Palavras de Jacob Levy Moreno: vocabulário de citações do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria*. São Paulo: Ágora, 2002.

MORENO, Jacob Levy. *Quem sobreviverá: fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de grupo e Sociodrama*. Goiânia: Dimensão, 1994. Tradução de D. L. Rodrigues e M. A. Kafuri.

MORENO, Jacob Levy. *Fundamentos de la sociometria*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1962. Tradução de J. Garcia Bouza e Saúl Karsz.

PARLEBAS, Pierre. *Sociométrie, réseaux et communication*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

Literacidad académica

Tópicos de interés: Concepciones y géneros del discurso académico, construcción de textos académicos, interacción discursiva en los textos académicos, la estructura del discurso académico, las creencias del investigador y su expresión discursiva, la institucionalidad y legitimidad del discurso académico, la escritura científica como acción social y expresión del poder, literacidad crítica, comprensión lectora, literacidad y transmedia, competencias investigativas: lectura, escrituras y narrativas digitales e investigación.